

Por inspiração do desembargador José Antônio Saraiva e graças à sua contribuição pessoal, criou-se, na Faculdade, em 3 de junho de 1912, a "Fundação Barão do Rio Branco", destinada — como está na proposta do eminente mestre — a recompensar os méritos do estudante que, durante o curso acadêmico, mais se distinguir pelos seus dotes morais e intelectuais.

Publicando sua grande obra, "A Cambial" — comentário à lei de 1908 —, Saraiva transferiu todos os seus direitos de autor à "Fundação" cuja criação sugeriu. E, além disso, para que o patrimônio inicial da entidade não sofresse "o desfalque determinado pela aquisição da matriz para o cunho da medalha" correspondente ao prêmio, êle próprio doou à Faculdade, "para cobrir esta despesa, a quantia de um conto de réis".

Um simples documento, transcrito em ata da Congregação, basta para definir a desambição e a simplicidade de quem foi um dos grandes lentes da Escola e um dos maiores juizes de Minas. Ê um trecho da carta enviada pelo mestre ao Diretor Mendes Pimentel, com a proposta de criação da "Fundação" e com a oferta dos direitos autorais de sua extraordinária obra e o cheque corresponde à sua contribuição inicial ao patrimônio da entidade: "Tenho o máximo empenho em que não sofram alteração, em tempo algum, as disposições relativas à denominação da Fundação e é natural o pedido que faço à douta Congregação de não aceitar indicação, nem tomar resolução em que, por motivo deste ato, seja envolvido o meu nome".

Por isso, nem a ata da sessão de 3 de junho de 1912 registrou-lhe sequer um voto de louvor, nem a Fundação tomou seu nome que, por todos os sentidos, está ligado à significação e ao relêvo da distinção até hoje conferida e que já premiou os méritos dos seguintes ex-alunos:

1913 — Joaquim Moreira Ataíde; 1914 — Francisco Luiz da Silva Campos; 1915 — Carlos Coimbra da Luz; 1916 — Antônio Afonso de Moraes; 1917 — Carlos Leopoldo Dayrell

Júnior (que faleceu antes de receber a medalha comemorativa, afinal entregue à sua família); 1919 — Fábio Guerra Pinto Coelho; 1920 — Aprígio Ribeiro de Oliveira Júnior; 1921 — Cândido Lara Ribeiro Naves; 1922 — Pedro Aleixo; 1923 — Antônio Martins Vilas Boas; 1924 — Gustavo Capanema Filho; 1928 — Dario de Almeida Magalhães; 1930 — Javert de Souza Lima; 1931 — Romeu Jacob; 1952 — Constantino Dutra Amaral 1953 — Hélio Caetano da Fonseca; 1954 — Álfio Amaury dos Santos; 1955 — Fernando Noronha; 1956 — Alberto Deodato Maia Barreto Filho; 1957 — Maria Ângela Alves Vaz de Mello e, 1958 — José Edgar de Amorim Pereira.

Observe-se que, dentre os 24 premiados, 7 vieram a lecionar na Faculdade: Francisco Campos; Cândido Naves, Pedro Aleixo, Vilas Boas, Javert de Souza Lima, João Eunápio Borges e Moacir Pimenta Brant, êste último nos cursos complementares.

O prêmio "Rio Branco" não foi conferido nos seguintes anos: 1917 e 1929; de 1933 a 1935 e de 1937 a 1950.

ERRATA

Entre outros defeitos de revisão, fàcilmente perceptíveis no texto desta revista, deve-se anotar que, à página 90, deixaram de ser mencionados, no lugar próprio, os nomes dos alunos mais distintos das turmas de 1936 e 1951: *Moacir Pimenta Brant* e *Celso Azevedo Andrade*, respectivamente.

A observação final do capítulo XV registra as etapas em que o prêmio não foi concedido. Não o faz, contudo, relativamente aos anos em que os dois ex-alunos obtiveram merecido destaque.

Ê certo que a omissão não obscurece os altos merecimentos dos premiados. Mas a ressalva se impõe, a fim de que se lhes dê o necessário destaque.

As atas que se referem às decisões que lhes reconheceram credenciais à conquista do "Premio Rio Branco" estão lavradas a fls. 10, verso, e 14, verso, do livro próprio.